

Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | *mariananiederauer.df@bar.com.br*

O robô e nós mesmos

Viver a realidade dos filmes de ficção científica às vezes é só uma questão de tempo. A criatividade que move cineastas e roteiristas provavelmente é a mesma que aflora na mente dos gênios da ciência e da computação. Para equilibrar a balança, o conhecimento de quem mantém os pés no chão — mesmo quando com a cabeça está nas nuvens e numa esfera quase inalcançável de consciência — é essencial. Sociólogos, antropólogos e psicólogos têm muito a dizer e a observar sobre as mudanças que experimentamos com os avanços tecnológicos.

Foi o sociólogo da minha vida que me alertou, inclusive, que uma evolução não necessariamente pode vir para o bem. A banda americana de grunge Pearl Jam ironizou e escancarou essa face underground da palavra em *Do the evolution* (Faça a evolução, em tradução livre). Com ironia, eles cantaram, em uma das faixas do álbum *Yield*, de 1998: "Eu estou à frente / Eu sou o cara / Eu sou o primeiro mamífero a usar calças".

A mudança, a transformação, são o que definem a palavra. Nem sempre se muda para melhor. Mas essa é também a beleza de ser humano: tomar consciência dos atos e moldá-los para se encaixar nos contratos sociais que promovam relações de respeito e a empatia. O resto é bônus que nos levará a viver com mais conforto no nosso dia a dia e a sermos mais longevos, para acompanharmos as evoluções daqueles que amamos.

Toda essa introdução para chegar ao debate do momento: a inteligência artificial. Não, este texto não foi escrito com a ajuda de robôs. E espero que a evolução nunca chegue a este ponto. A capacidade de processar um volume inimaginável de dados certamente poderá ajudar o jornalismo e diversas outras profissões. Mas é necessário seguir respeitando limites éticos, que também precisarão evoluir ao lado da tecnologia.

Precisamos ainda reencontrar a humanidade que há em nós. Ou aprender a desenvolvê-la. Recentemente levantou-se a possibilidade do uso da OpenIA, como é a classificada o tipo de inteligência artificial por trás do já famoso ChatGPT, para ajudar médicos a darem más notícias a seus pacientes com mais empatia. O robô nada mais fez do que simplificar a linguagem usada e garantir conexão com o interlocutor. Quantos de nós já não estivemos num consultório e nos sentimos tratados com condescendência?

Por aqui, temos iniciado uma cruzada em busca de um médico de família que possa nos acompanhar com olhar holístico. Tem sido um desafio, mas também uma lição. A primeira delas é a de que, em qualquer profissão ou lugar que se ocupe, é sempre importante se colocar no lugar do outro e ouvir com dedicação e de forma atenta. Essa habilidade robô nenhum é capaz de copiar.

OBITUÁRIO

O adeus ao pioneiro da Vila Planalto

Dono de primeiro armazém de Brasília, Geraldo Rezende deixa um legado de contribuição para a construção da capital

» NAUM GILÓ

O corpo do pioneiro Geraldo Rezende será velado e sepultado hoje, no Cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul. O velório ocorre na Capela 1, das 13h30 às 15h30 e o sepultamento, às 16h. Geraldo, aos 90 anos, partiu deixando um grande legado para Brasília e, em especial, para a Vila Planalto, local onde morava e que ajudou a construir.

Ele foi um dos milhares de trabalhadores que decidiram deixar a terra natal rumo ao Planalto Central para erguer a nova capital. Em janeiro de 1957, chegou ao grande canteiro de obras que três anos depois seria Brasília. Ele ouviu na Rádio Nacional sobre a construção da cidade, vendeu alguns animais que tinha e saiu de trem de São João Del Rey (MG), onde nasceu, para Anápolis (GO). Da cidade goiana, pegou carona na carroceria de um caminhão de material de construção até a capital.

Aqui, foi escolhido para cuidar do armazém de secos e molhados do acampamento da Rabello, empresa responsável pela construção do Palácio da Alvorada, primeiro edifício de alvenaria a ser construído em Brasília. Em poucos anos, Geraldo já tinha o próprio armazém, o primeiro da cidade.

Ele é um dos principais personagens do livro *Vizinhos do poder: história e memória da Vila Planalto*, de Leiliane Rebouças, que resgata a história da região. "Era um pioneiro muito importante da nossa vila. Estamos todos muito chocados e tristes", lamenta Rebouças, que lembra que a partida de Geraldo vem pouco depois do aniversário do Palácio da Alvorada, comemorado em 30 de junho.

Segundo a escritora e pesquisadora, a carteira de trabalho de Geraldo revela a rotina de trabalho exaustiva que os trabalhadores muitas vezes tinham que enfrentar na época da construção de Brasília. "No documento, tem registrado uma coisa impressionante que é uma jornada de 100 horas ininterruptas de trabalho", conta Leiliane.

Geraldo também é lembrado pela generosidade. Quando ainda tocava os negócios do armazém, o mineiro costumava vender muitas mercadorias fiado para clientes mais necessitados.

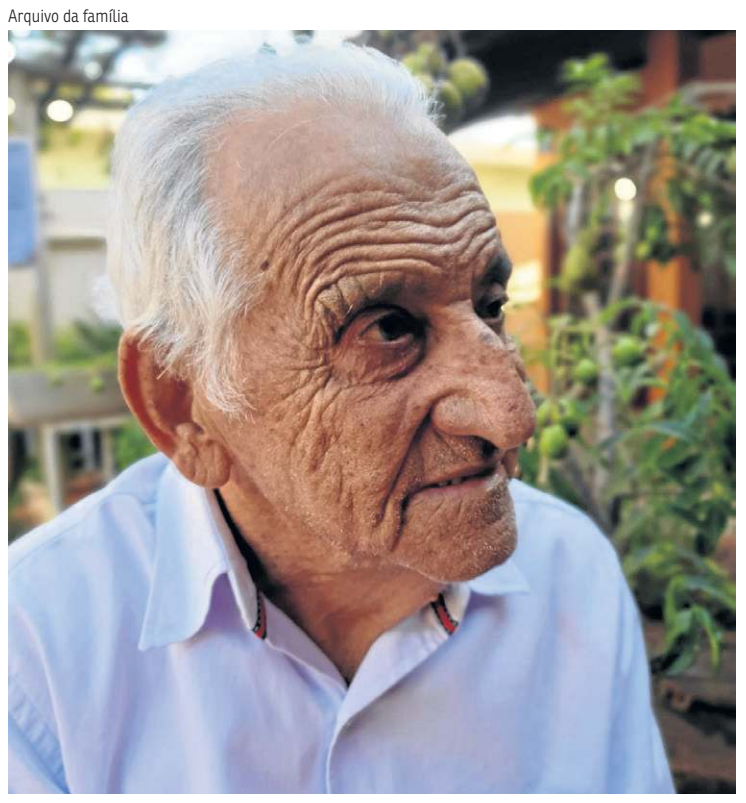
Solidário

Geraldo Rezende morreu por volta das 7h da manhã de ontem, em decorrência de complicações do Alzheimer. Ele deixa a esposa, dona Iza Rezende, com quem se casou no início dos anos 70, e teve quatro filhos: Heitor, Helder, Adriana e Júnior.

"A gente aprendia muito com ele na forma de tratar as pessoas e com o bom coração que tinha", diz Geraldo Rezende de Carvalho Júnior, 46 anos, um dos filhos do comerciante. "Ele ajudava tanto as pessoas e a gente não entendia o porquê. Só depois de mais velhos é que entendemos a nobreza dos gestos do meu pai", confessa.

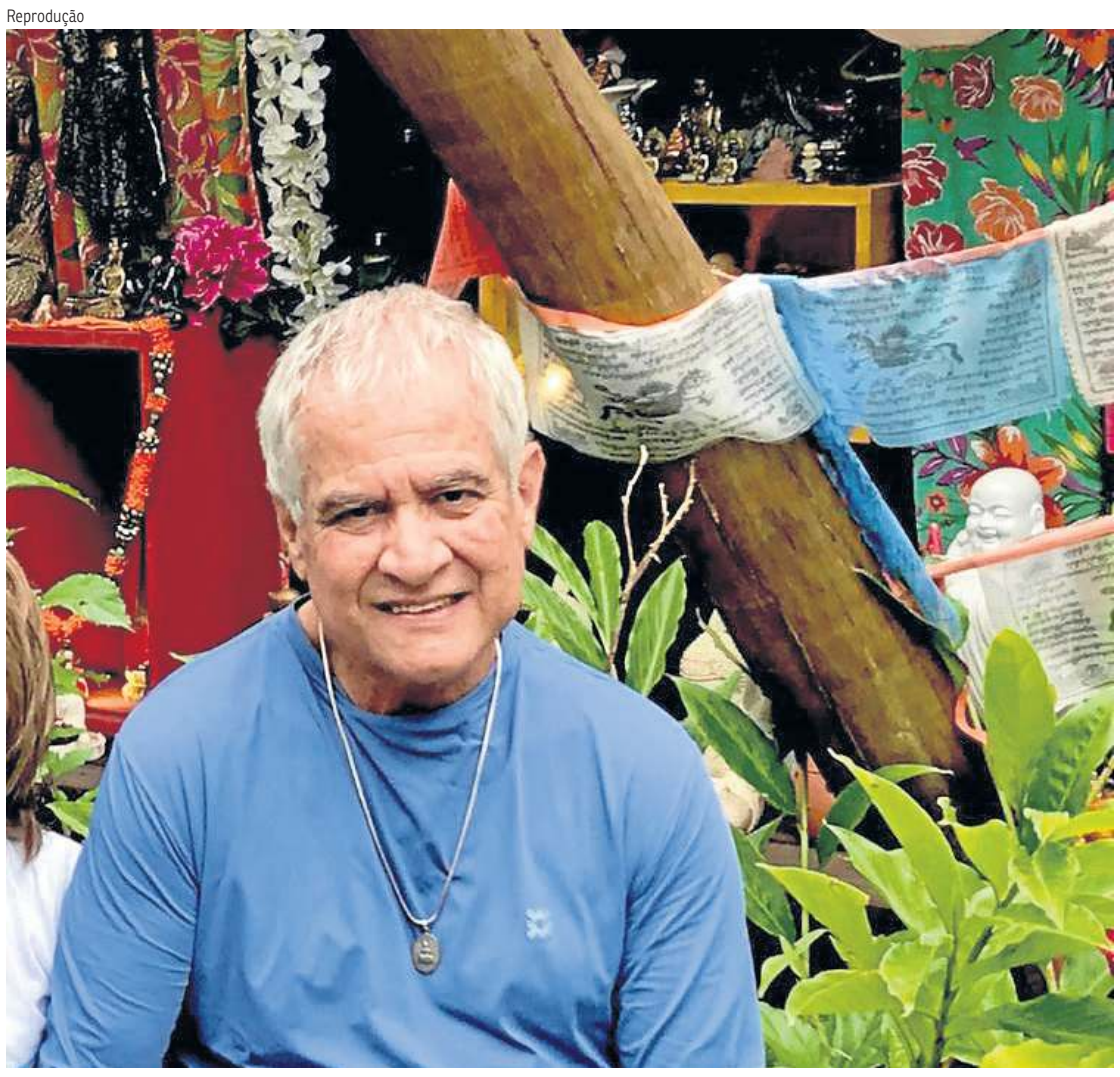
O filho conta que o armazém de seu Geraldo já veio a falir três vezes por conta da generosidade. "E, depois que ele ficou doente, passamos a descobrir mais coisas que ele fez pelas pessoas. Ela era muito maior do que imaginávamos", relata Júnior. São tantas histórias que a família decidiu registrar a vida de seu Geraldo no livro *Cartas para Heitor*. "Lembro dos cadernos grossos onde anotávamos as compras fiadas. Ele gostava de repetir o mote 'quem não vive para servir, não serve para viver'. E ele era assim mesmo. Nunca ouvi ninguém dizer uma palavra sequer contra o meu pai. Era de uma índole impressionante", rememora Geraldo Júnior.

Arquivo da família



O empresário veio de MG em 1957 e era conhecido pela generosidade

Reprodução



Terapeuta reichiano era filho do doutor Lisboa, que ajudou a fundar a Faculdade de Medicina da UnB

Morre Satbodhi Lisboa aos 69 anos

» ARTHUR DE SOUZA

Morreu aos 69 anos, na noite de sábado, Antônio Márcio Junqueira Lisboa Júnior. Ele era filho do pediatra Antônio Márcio Junqueira Lisboa, conhecido como doutor Lisboa, que ajudou a fundar a Faculdade de Medicina da Universidade Brasília (UnB), o Centro de Estudos Perinatais do Planalto Central e a Sociedade de Pediatria de Brasília.

Antônio Márcio Junqueira Lisboa Júnior era conhecido como Satbodhi Lisboa, foi terapeuta reikiano (terapias de consciência corporal) e ex-aluno da UnB. Ele morreu em Monteiro Lobato, cidade do interior de São Paulo, local onde morava com a atual esposa, Deva Prashanto.

Segundo a ex-mulher e mãe dos dois filhos de Satbodhi, Marga Selma, a morte de Sat — como era carinhosamente conhecido — foi um choque para todos. "Apesar da saúde debilitada, ele era uma pessoa com muita vontade de viver, mesmo nos últimos momentos de vida", destacou.

De acordo com Marga, os dois ficaram juntos por 15 anos. "Agradeço muito pelos filhos que ele me deu. O início da separação foi muito difícil, mas, com o tempo, as coisas foram se transformando. Mesmo depois de separados, ele continuou um pai presente", lembra.

"Muito amoroso e carinhoso, era uma pessoa que contribuiu muito em Brasília no cenário de movimentação corporal. Sempre muito vivo e com muita energia. Se jogou na vida mesmo. Tinha uma energia incrível, muito acima das pessoas de forma geral", aponta Marga Selma.

"Bruxo" da meditação

O jornalista Devam Bhaskar (Geraldinho Vieira), tinha Satbodhi Lisboa como um irmão. Ele conta que conheceu o amigo na meditação e o classificou como "um hilário contador de histórias". "Muitas vezes nos juntamos com outros companheiros de jornada e cerveja, e não era raro nos embalarmos pelo humor das narrativas finas com que Sat temperava uma visão de nossas próprias vidas ilustrada por 'causos' fabulosos de dentro e fora dos salões de meditação", lembrou.

"Satbodhi era um bruxo nos salões de meditação/terapia quando conduzia retiros. Unia muito conhecimento e prática baseada na psicologia ocidental com a contribuição do oriente. No final dos anos 70, já atendia 'a galera' e a elite de Brasília", recordou Bhaskar.

"Quando o conheci, era o Márcio Lisboa. Minhas primeiras experiências em ver e ouvir o que se passava com meu corpo/coração/mente foram guiadas por ele. Mais que isso: ele provocava os sentidos. Massagem, respiração… dominava muitas técnicas e conhecimentos, mas tinha um jeito muito próprio de motivar e inspirar quem estava se buscando e curando", descreveu

Satbodhi Lisboa deixa, além dos dois filhos, três netos. O enterro estava previsto para ocorrer na cidade em que ele morava, Monteiro Lobato, segundo Marga Selma.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: *cidades.df@dabr.com.br*

Sepultamentos realizados em 2 de julho de 2023

» Campo da Esperança

Alvimar Guerra de Macedo, 82 anos
Ednei Santos, 60 anos
Henrique Ferreira Pinto de Araújo, 46 anos
José Moacir Ferreira Saraiva Cunha, 74 anos
Luiz Carlos de Andrade, 87 anos
Luiz Silva, 85 anos
Manoel Gonçalves de Almeida, 83 anos
Manoel Lopes da Silva, 92 anos
Marco Antônio Olivieri, 82 anos
Natália Parreira Pereira, menos de 1 ano
Natalino Mendes Rabelo, 80 anos
Osmalina Rodrigues Salgado, 90 anos
Raimundo Dias de Oliveira, 82 anos
Simplicia Gomes do Nascimento, 91 anos
Sylvia Maria dos Santos Tavares, 35 anos
Túlio Mascarenhas Horta, 89 anos
Valentina de Macedo Silva, 71 anos

» Taguatinga

Ana Maria da Silva, 84 anos
Antônio Luiz da Silva, 79 anos
Eurides Ayres Correia, 89 anos
Giovani Ribeiro Maciel, 67 anos
Joana Lisboa Amaral, 84 anos
José de Oliveira Barros, 10 anos
José Evangelista de Andrade, 76 anos
Josias Rodrigues Pessoa, 73 anos
Leonardo do Nascimento Santos, 33 anos
Maria Viriato Rodrigues Ferreira, 95 anos
Pedro José Torres, 69 anos
Valnirdes Tavares Feliciano, 85 anos
Zilda Jerônima de Jesus, 72 anos

» Gama

Antônio José Pavan, 74 anos
Delfino Gaspar Rojas, 73 anos
Moises César de Sousa Pinheiro, 40 anos

» Planaltina

João Domingos Ferreira da Silva, 52 anos

» Brazlândia

Heitor Santos da Silva Barros, menos de 1 ano
Osmar Ribeiro, 57 anos

» Sobradinho

Clélio Lopes, 63 anos
Expedito Antônio de Barros, 92 anos
Nelvina Maria de Azevedo, 62 anos
Nilda Pereira dos Santos, 63 anos

» Jardim Metropolitano

Hugo Sanchez Santos de Amorim, 28 anos
Margarida Leão Marins, 40 anos
Waldir Cerqueira Netto, 79 anos
Mathilde Therezinha Rorato de Oliveira, 78 anos (cremação)